

A POESIA INDIANISTA DE GONÇALVES DIAS

Andrey Pereira de Oliveira – UFCG

1. INTRODUÇÃO

Nessa comunicação, apresentaremos um resumo expandido de nossa tese de doutorado defendida em abril de 2005 na Universidade Federal da Paraíba, sob a orientação do professor Dr. Milton Marques Júnior. Intitulada “A poesia indianista de Gonçalves Dias”, nosso trabalho elegeu como objeto de estudo a poesia indianista do escritor romântico Antônio Gonçalves Dias (1823-1864), ou seja, o conjunto dos quatorze poemas escritos pelo poeta maranhense que têm como tema central o nativo americano e a natureza que o circunda. De um modo geral, podemos dizer que nosso objetivo foi desenvolver uma análise que, privilegiando ao máximo o texto literário, refletisse sobre as relações entre a representação estética do índio configurada na poesia do poeta maranhense e o ambiente de euforia nacionalista-romântica de meados do século XIX.

Apesar do forte apelo histórico do *corpus* do nosso trabalho, nossa pesquisa, obedecendo à lógica dos estudos literários, priorizou o próprio texto enquanto elaboração estética; o que não nos impediu de buscar, sempre que julgamos esclarecedor, apoio em outras disciplinas da área das humanidades. Orientando o procedimento teórico-metodológico de nossas pesquisas, tivemos sempre em mente a seguinte passagem de *A educação pela noite e outros ensaios*, de Antonio Candido:

A criação literária traz como condição necessária uma carga de liberdade que a torna independente sob muitos aspectos, de tal maneira que a explicação dos seus produtos é encontrada sobretudo neles mesmos [...]. Mas na medida em que [a literatura] é um sistema de produtos que são também instrumentos de comunicação entre homens, possui tantas ligações com a vida social, que vale a pena estudar a correspondência e a interação entre ambas (p. 163).

O que se abstrai de tal pensamento é a afirmação da moderação entre uma leitura que se centra exclusivamente no texto literário e uma outra que o toma apenas como pretexto para os mais diversos fins. Sendo assim, apesar do forte apelo histórico do *corpus* do nosso trabalho – pela importância primordial no desenvolvimento histórico de nosso país, não apenas do momento da elaboração dos poemas (meados do século XIX), como também do momento neles referido (em torno dos séculos XV e XVI) – nossa pesquisa, obedecendo à lógica dos estudos literários, prioriza o próprio texto como elaboração estética; porém não o faz de modo a analisá-lo como um monumento autotélico que se esclarece plenamente a si mesmo. Daí buscarmos, sempre que julgamos esclarecedor, apoio não apenas nos estudos do campo estético-literário como também em outras áreas do conhecimento, como a História, a Sociologia, a Antropologia, entre outras.

2. ESTRUTURA DA TESE

Em sua estrutura final, nossa Tese dividiu-se três capítulos.

O Capítulo 1 – “O elemento indígena na literatura colonial” – inicia-se com uma reflexão acerca do conceito de literatura indianista, propondo um sentido mais lato para a expressão, que passaria a significar qualquer texto de caráter literário que, independente da época de sua produção ou de sua orientação ideológica, tome como objeto temático o índio. Com essa definição mais ampla, passamos a ver a obra indianista de Gonçalves Dias não como uma realização isolada ou em diálogo apenas com a

obra dos indianistas românticos como José de Alencar; nessa outra perspectiva, as “Poesias americanas” passam a ser consideradas dentro de uma série indianista ampla, que se inicia já com Anchieta.

Ainda nesse capítulo, discutimos o olhar eurocêntrico do século XVI lançado ao índio brasileiro, fazendo uma breve resenha dos textos dos primeiros cronistas que aqui aportaram. Tais crônicas serão uma fonte temática fundamental para a representação estética do índio brasileiro empreendida pelas diversas obras da série indianista, incluindo-se a do próprio Gonçalves Dias.

Finalizamos o Capítulo 1 com o estudo das principais epopéias coloniais brasileiras – *De gestis de Mendi de Saa* (1563), de José de Anchieta, *Prosopopéia* (1601), de Bento Teixeira, *O Uruguai* (1969), de Basílio da Gama e *Caramuru* (1981), de Santa Rita Durão. Tais leituras detêm-se particularmente na observação da representação do nativo e servirão de base para uma melhor compreensão da poesia de Gonçalves Dias, uma vez que serão tomadas como ponto de confronto entre as representações colonial e nacionalista da temática indígena.

No Capítulo 2 – “O nacionalismo romântico e o programa indianista das ‘Poesias americanas’” – primeiramente, na seção 2.1, fazemos um estudo sobre o contexto político-cultural das décadas de 1820 a 1850, época em que o indianismo foi proposto e praticado pelos escritores e intelectuais como a forma mais lídima de literatura brasileira. Nesse passo, discutimos as relações entre a independência política e os discursos de independência no âmbito cultural propostos primeiramente pelos europeus Ferdinand Denis e Almeida Garrett, e, depois, pelos membros da *Revista Filomática* e da *Revista Niterói*. Entre esses nomes, destacamos Ferdinand Denis, cujo “Resumo da história literária do Brasil” consideramos uma espécie de manifesto da literatura indianista romântica, e Gonçalves de Magalhães, por ter sido, entre os brasileiros do primeiro momento, o que mais enfaticamente envolveu-se na questão da literatura nacional. Destacamos também, nessa seção, o impulso indianista e a valorização da cultura nacional, bem como a ideologia que dava suporte as imagens do índio romântico.

Já na seção 2.2 do Capítulo 2, iniciamos mais propriamente a discussão sobre o nosso tema. Primeiramente, elencamos, de maneira genérica, as obras literárias e “científicas” de Gonçalves Dias que tematizam o nativo americano. Em seguida, analisamos a “Introdução” do poema “Os Timbiras”, que, apesar de ser quase totalmente desprezado por quase toda crítica, revela, por ser um texto metalingüístico, a consciência indianista do poeta, sendo uma espécie de programa, de manifesto indianista de Gonçalves Dias. Nessa seção, vemos retratados nos versos do artista o empenho nacionalista em inverter o ponto de vista ideológico da colonização, criticando-lhes os meios e os fins, condenando a destruição dos homens e do ambiente americanos. Nesse processo de inversão, o universo indígena, que, na poesia colonial, deveria ser superado pela cultura européia, passa a ser objeto de saudade, passa a ser visto como um paraíso pré-cabralino, um espaço indianista utópico cantado já no primeiro poema do primeiro livro do poeta, a “Canção do exílio”. Na última parte desse capítulo, mostramos que a inversão ideológica empreendida pelo poeta romântico nacionalista em relação às obras coloniais da série indianista é acompanhada por uma outra mudança de base estética. Nesse passo, analisamos o indianismo romântico como uma espécie de primitivismo americano, com todo apelo à musicalidade dos versos, às comparações e metáforas de base natural, à motivação dos nomes próprios etc.

No Capítulo 3 – “O ciclo de vida indígena: do paraíso à destruição” – empreendemos a análise dos poemas indianistas de Gonçalves Dias obedecendo não à ordem cronológica de suas publicações, mas sim de modo a reconstituir a sequência histórica dos fatos narrados pelo poeta. Na seção 3.1, abordamos os poemas que retratam os nativos americanos antes da chegada dos europeus. Vemos que eles, assim como o homem bíblico, após viverem numa natureza paradisíaca, também sofrem uma queda. Daí a vida de combates constantes que passam a enfrentar, gerando uma moral guerreira que normatiza todas as relações sociais do grupo, o que pode ser notado na leitura de poemas como “Canção do Tamoio”, “O canto do guerreiro” e “I-Juca-Pirama”. Nessa fase da vida indígena, ao lado da figura do guerreiro, destaca-se, como demonstramos, o divino piaga, o inspirador dos sonhos.

Na seção seguinte, analisamos os poemas que retratam o processo de degeneração da moral guerreira ocorrido antes mesmo do contato com os europeus. Tal processo se dá quando as leis de guerra deixam de normatizar as condutas e a nobreza dos combates e cedem lugar aos atos de violência

destituídos de sentidos simbólicos “nobres”. Nesse momento, a comunidade divide-se entre os covardes e os ensandecidos pela violência.

Na seção 3.3, estudamos “O canto o piaga” e “Deprecação”, poemas que, quando lidos em conjunto, esclarecem-se mutuamente. O primeiro faz um prognóstico da chegada dos europeus e da conseqüente destruição do mundo indígena; o segundo tematiza justamente a consumação da destruição, contrastando a realidade indígena antes e depois das ações européias.

Por fim, na seção 3.4, abordamos os poemas que relatam os momentos de contato entre o nativo e o branco. Nesses poemas, vemos a representação do povo indígena como um “ente de transição”, alienado e já tão distante de sua cultura original quanto ainda não agregado ao novo universo cultural imposto pelo europeu. Em todos eles, o colonizador é representado como causa de conflitos raciais por conta da miscigenação, como promotor de contendas armadas entre as tribos por conta das doutrinas religiosas que passou a disseminar e ainda como um ser destituído de qualquer desprendimento ou bondade, uma vez que, visando aos bens materiais das terras indígenas, é capaz de dizimar um sem-número de nativos.

3. ALGUMAS CONCLUSÕES RESULTANTES DA PESQUISA

A poesia indianista de Gonçalves Dias, como um produto romântico-nacionalista da série indianista, reflete bem os anseios políticos e culturais de meados do século XIX, período que é marcado por uma intensa movimentação política e bélica, que se acentua desde as vésperas da independência até as primeiras décadas que a seguem. Com a autonomia em relação a Portugal, a elite brasileira busca erigir elementos simbólicos que justifiquem sua preeminência na sociedade, inventando tradições e a elas se associando como seus herdeiros de direito.

Nas diversas formas de arte, nos estudos históricos, etnográficos ou lingüísticos, nos nomes de periódicos e pessoas simples ou ilustres, em todos os âmbitos, a figura do nativo americano encontrou reflexos, sendo considerada como único sinônimo da nacionalidade brasileira. Nas belas-lettras, como não poderia deixar de ser, o indianismo passou a ser considerado o exemplo mais lídimo de literatura nacional, tornando-se o tema mais cantado em prosa e, principalmente, em verso.

Inserindo-se nesse contexto de independência e rearranjos políticos (nem sempre profundos) e culturais, Gonçalves Dias assume, em sua poesia, uma perspectiva anticolonialista contundente, sem se deixar sufocar por um discurso de tom panfletário, como se encontra, por exemplo, na medíocre obra poética de José Bonifácio de Andrada e Silva. A exemplo de grandes nomes do Romantismo, como Lord Byron, Victor Hugo ou ainda Alexandre Herculano, Gonçalves Dias sabe combinar bem suas convicções político-ideológicas com um trabalho de aprimoramento estético, resultando numa obra poética de conteúdo e forma vigorosos.

As “Poesias americanas” fazem um contraponto à visão colonial eurocêntrica acerca do nativo brasileiro que é veiculada tanto nas crônicas de viagem e tratados de história como nos quatro principais poemas épicos do Brasil-Colônia: *De gestis Mendi de Saa*, de José de Anchieta; na *Prosopopéia*, de Bento Teixeira; em *O Uruguai*, de Basílio da Gama; e no *Caramuru*, de Santa Rita Durão. Tais poemas assumem a mentalidade que concebe a história do Brasil como um capítulo da história do expansionismo português, do qual faz a apologia e justifica as ações – inclusive as mais sanguinárias, acobertadas pelo argumento da “guerra justa”. Nessa perspectiva, o nativo – logo que se coloca como um empecilho aos desígnios da colonização – é visto como um ser semelhante aos animais selvagens, bárbaros e demoníacos, que vivem sem qualquer norma social. A empresa colonizadora, portanto, é louvada por apresentar – ou melhor, por impor – a esses seres inferiores os grandes valores da civilização: a moral, a religião e a política. Sendo a transposição da vida civilizada para as novas terras um dos argumentos do discurso colonizador, o universo indígena, seu modo de vida, suas crenças e tradições só poderiam ser considerados como algo a ser superado pelo projeto de colonização, daí as descrições negativas dos nativos, a condenação de suas práticas culturais e a exaltação de sua desterritorialização ou massacre.

Essa visão cerrada e negativa em relação ao índio é um tanto amenizada nas obras do século XVIII. Como vimos, em *O Uruguai* e *Caramuru*, já despontam alguns traços de enobrecimento dos

nativos. Enquanto no primeiro poema os nativos são alçados à categoria de bravos e nobres heróis, como se observa principalmente na figura de Cacambo, no segundo, a união entre um branco e uma nativa, refletindo a tendência genealógica do contexto do autor, já contém algo da identificação com o índio que se aprofundará durante o movimento romântico. O tom geral desses dois textos, contudo, ainda reforça a visão eurocêntrica preconceituosa que não admite a existência de felicidade e dignidade na vida dos nativos sem os valores trazidos d'além mar.

É a partir da conjunção entre as idéias nacionalistas do século XIX e a tradição épica colonial de temática indianista que Gonçalves Dias elabora suas “Poesias americanas”. Da primeira, ele absorve os princípios ideológicos, da segunda, ele revisita alguns temas e se serve dos exemplos de louvação nativista da natureza brasileira.

De um modo geral, podemos afirmar que o poeta maranhense assume boa parte das sugestões que Ferdinand Denis expusera no “Resumo da história literária do Brasil”, pondo de lado o maravilhoso clássico e a natureza árcaica e promovendo o nativo e seu universo cultural particular a elementos centrais do poema. Além disso, no aspecto mais ideológico, Gonçalves Dias não se restringe apenas à pintura idealizada do mundo indígena pré-cabralino, somando a tal aspecto a discussão sobre a tragicidade do encontro das duas raças, posicionando-se do lado do povo arruinado e tornando tema de denúncia o que antes, na poesia colonial, fora tema de louvação.

Gonçalves Dias recompõe em suas “Poesias americanas” um amplo painel indígena em que se percebem as peculiaridades antes negadas ou deturpadas pela cronística e pela poesia coloniais. Nessa nova perspectiva orientada pela utopia indianista, o que antes era descrito como uma vida sem leis e de barbaridades gratuitas torna-se uma “moral guerreira”, os bárbaros canibais tornam-se guerreiros bravos e honrados, e os então feiticeiros diabólicos tornam-se piagas divinamente inspirados. Por outro lado, os representantes da Igreja e do Governo metropolitanos, que eram definidos como agentes civilizadores pelos escritores do Brasil-Colônia, passam a ser considerados homens maliciosos e violentos, movidos apenas pela cobiça material.

Rearranjando seus poemas de modo a corresponderem à cronologia histórica, vimos que as “Poesias americanas” apresentam uma trajetória histórica dos nativos da América como um ciclo de vida composto por três fases, que assim denominamos: “paradisiaca”, “guerreira” e “agônica”. Podemos observar em nossa análise que nos poemas das duas primeiras fases, o poeta desconstrói a visão colonialista acerca do universo nativo, valorizando e identificando-se com o que antes fora repudiado. Já nos poemas da fase agônica, ele reescreve as “narrativas” do encontro entre os nativos e os europeus, mostrando que o que se escondia por trás da capa do progresso, do civilizador, não significou outra coisa que não o genocídio dos nativos da América.

As fases denominadas paradisiaca e guerreira são orientadas por uma utopia indianista e se relacionam com o anseio do poeta em reconstituir todo o passado americano a partir de resquícios fantasmagóricos que tanto são uma saudade de sua origem nativa, quanto uma espécie de remorso latente de sua porção européia. Os cantos indianistas de Gonçalves Dias aparecem, nesse sentido, como um meio de evocação do idílico passado pré-colonial e recuperação da identidade entre o homem brasileiro e o nativo americano.

Em sua utopia indianista, o poeta idealiza o passado pré-cabralino, que é representado como um momento mítico, caracterizado, inicialmente, pelo caráter de paraíso terreno e, depois, pelo universo social embasado pela moral guerreira. É nessa segunda etapa que o nativo americano é objeto de uma idealização hiperbólica, que lhes valoriza os aspectos físicos – como o vigor, a velocidade, a resistência, a destreza no manejo das armas – e os aspectos morais – como a fidelidade, o respeito à tradição, a coragem cotidiana, o destemor diante da morte e a negação de qualquer forma de servidão. Nesses atributos exaltados na figura do índio mítico, podemos perceber a projeção da ideologia que orientava os brasileiros a serem fiéis à sua nação recém-independente, dando por ela a própria vida, caso fosse necessário, à manutenção de sua liberdade.

Na constituição de seu herói indígena, percebemos ainda que Gonçalves Dias reverte em atributos de nobreza aspectos que seriam, a princípio, considerados negativos aos olhos cristãos. É assim que a propensão à guerra e a antropofagia são explicados por uma lógica simbólica que lhes tira o sentido de

violência e maldade gratuitas. A antropofagia é vista nas “Poesias americanas” como uma cerimônia simbolicamente complexa em que a devoração do prisioneiro pela tribo preadora significa a incorporação por esta dos valores do outro; ou seja, a antropofagia é considerada como uma cerimônia na qual se opera a transfusão do heroísmo.

Ao lado do guerreiro, outra figura fundamental na constituição do universo indígena das “Poesias americanas” é o piaga, sacerdote que tem a voz inspirada por Tupã. Pode-se interpretar esse lugar de destaque e respeito cedido à figura do intermediário do deus indígena na poesia de Gonçalves Dias como uma resposta à perspectiva dos escritores coloniais, que nele viam nada mais que um feiticeiro que se valia de truques para ludibriar os demais integrantes da tribo. Enquanto ao guerreiro cabem as honras terrenas por conta da habilidade nos combates, ao piaga cabem as honras de ordem espiritual; ambos se complementam e sustentam os dois principais pilares da vida indígena.

Se, por um lado, o poeta idealiza o passado indígena, vendo-o como um idílio americano, por outro, em seus poemas que abordam a fase agônica dos nativos, ele elabora uma crítica veemente da empresa colonizadora. Desse modo, o poeta soma aos traços nostálgicos de seus versos, uma postura anticolonialista e – o que no âmbito de sua poesia é quase um sinônimo – antiprogressista. Como demonstramos no decorrer da análise, um aspecto fundamental da poesia indianista do poeta maranhense é a piedosa simpatia para com os nativos americanos. O contato entre os povos do Velho e do Novo Mundos é descrito nas “Poesias americanas” como causador de resultados catastróficos para os nativos da América, considerados duplamente vítimas das atrocidades da colonização: quando não do genocídio físico, ao menos do etnocídio cultural, o que, no fim das contas, resulta no mesmo.

Imbuída do espírito nacionalista de meados do século XIX, a poesia indianista de Gonçalves Dias expõe-se como uma tentativa de recontar a história da colonização a partir de um outro ponto de vista, o ponto de vista das vítimas, identificando-se não ao riso dos vencedores, mas às lágrimas dos vencidos. Dessa forma, em vez de desenhadas como heróicas, as ações dos europeus são enxergadas como atos de barbárie. O processo de colonização, sob essa ótica, passa a ser reduzido a um processo sanguíneo responsável pela destruição do idílio americano. Em vez da louvada ação benéfica propagadora da fé cristã e da paz, como a viam os escritores coloniais, as “Poesias americanas” vêem a colonização como uma empresa que se utilizou do discurso religioso, não para o bem, mas para o ludíbrio dos povos indígenas. Daí, em vez de heróis enviados e protegidos por Deus para a salvação dos gentios, os colonizadores são representados como seres demoníacos associados a Anhangá, cobiçosos dos bens dos solos americanos.

Em sua verve crítica, as “Poesias americanas” denunciam que os nativos, quando não foram subitamente exterminados, sofreram um irreversível processo de aculturação e tiveram seus princípios deturpados e acomodados aos valores europeus ou mais drasticamente eliminados, perdendo, assim, a identidade cultural que os unia. Diversos são os poemas de Gonçalves Dias que retratam esse processo de descaracterização sofrido pelo povo indígena. Alguns comportam a problematização da miscigenação, outros do acultramento dos nativos, mais precisamente, do acultramento por meio da influência religiosa. Em ambos os casos, observa-se que a influência cultural dos europeus resultou na corrupção dos tradicionais hábitos americanos, desestruturando as comunidades autóctones e facilitando a ação dos europeus. Isto porque o extermínio cultural de uma comunidade, a destruição de suas bases que os constituem e lhes dão sentido, significa propriamente o extermínio da comunidade. A intromissão da religião católica no universo indígena, segundo depreendemos dos versos do maranhense, trouxe resultados catastróficos para os nativos, profanando seu sistema religioso e causando sérios conflitos entre as tribos, o que facilitou sua destruição.

Outro aspecto das “Poesias americanas” contemplado em nossa pesquisa foi de ordem estilístico-formal. Como vimos, a poesia indianista de Gonçalves Dias, seguindo as orientações do Movimento Romântico, busca adequar-se às inovações de natureza estética. Os princípios da tradição clássica são superados pelas inovações de uma “poética americana” que segue boa parte das orientações estéticas do primitivismo romântico. Uma dessas orientações é a musicalidade marcante, que, na poesia de Gonçalves Dias, é anunciada já na escolha dos títulos dos livros e de numerosos poemas, bem como comprovada na própria estrutura dos poemas. Os arranjos dos ritmos, das rimas, das métricas, a abundância de

paralelismos, anáforas, aliterações e assonâncias, fazem da poesia indianista de Gonçalves Dias textos propensos ao canto.

Além do aspecto sonoro, outros elementos da linguagem primitiva de suma importância no estilo da poesia indianista de Gonçalves Dias são o *símile* e a *metáfora* (aquele ainda mais freqüente do que esta) baseados em elementos que fazem parte do cotidiano dos nativos americanos, ou seja, em elementos da natureza. O grande número de ocorrências dessas analogias naturais reforça a idéia de que o pensamento do homem primitivo estrutura-se antes pelas associações do mundo concreto do que pelas elaborações de raciocínios mais abstratos. O mesmo efeito resulta das ocorrências das noções de tempo e espaço, que são sempre baseadas nos movimentos da natureza.

Também os nomes dos personagens, de um modo geral, seguem a lógica da linguagem primitiva, sendo os nomes masculinos advindos de elementos da natureza que representam força, robustez, coragem, etc. e os femininos advindos de espécimes da flora, das aves ou de outros elementos ou fenômenos naturais associados à delicadeza e à beleza. Tais nomes próprios, ao serem trabalhados de forma literária, ganham uma motivação, ou seja, os nomes dos personagens revelam algum aspecto fundamental de suas habilidades, de seu físico ou de sua moral. Além disso, em “Os Timbiras”, os personagens possuem um epíteto, fato que também ocorre nas epopéias homéricas, que, como afirmamos, foram tomadas como modelos de poesia primitiva.

Além da utilização freqüente dos epítetos, há outro aspecto comum às “Poesias americanas” e às epopéias homéricas que também pode ser definido como característico da poesia primitiva: a repetição (quase) literal de trechos. Em Gonçalves Dias, essas repetições perdem sua função prioritária da ordem pragmática da memorização, como ocorria em Homero, e passam a ser mais um elemento estilístico a tornar seus poemas assemelhados aos textos primitivos.

Todos esses elementos “primitivistas” das “Poesias americanas” destacam-se como uma tentativa não apenas de, romanticamente, romper com as rígidas normas clássicas como também de fazer a estrutura poética assemelhar-se à simplicidade primitiva do personagem retratado.

Chegando a tais conclusões, encerramos nosso trabalho com a expectativa de termos contribuído para a renovação das discussões críticas acerca da poesia de Gonçalves Dias. Acreditamos que uma importante lacuna na fortuna crítica da poesia do poeta maranhense consistia justamente na ausência de uma leitura que tomasse as “Poesias americanas” como um conjunto, como um sistema de textos que dialogam e se esclarecem mutuamente, podendo ser lidos, como procuramos fazer, como um painel que narra um ciclo de vida dos nativos americanos desde os tempos primevos num Éden americano até a sua destruição pela empresa colonizadora. Outro acréscimo que cremos ter feito à fortuna crítica do poeta diz respeito ao nosso procedimento de leitura comparada, recuperando a tradição indianista colonial para servir de contraponto a sua obra, pois uma análise que leva em conta o modo como um escritor se posiciona frente às suas heranças literárias é capaz de revelar elementos muitas vezes impossíveis de serem apreendidos numa leitura que se prende ao seu objeto de estudo isoladamente. Por fim, acreditamos também ser relevante a vinculação que fazemos entre alguns conceitos e principalmente alguns recursos estilístico-formais das “Poesias americanas” e o primitivismo, pois, apesar de diversos estudos descreverem os recursos estilístico-formais empregados por Gonçalves Dias, nenhum propõe vê-los sistematicamente como uma versão americana do primitivismo proposto no Pré-Romantismo europeu.